

O LIVRO INDESTRUTÍVEL: UMA ANÁLISE DA MATERIALIDADE EM LIVROS PARA BEBÊS

Autora: Ludmila Magalhães Naves, Vila Cata-Vento Fotografia Infantil, Pesquisadora Externa UFLA, contato@vilacatavento.com
Ellen Maira de Alcântara Laudares, UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart, UFLA

RESUMO:

A presente pesquisa tem como finalidade a análise da importância da materialidade presente nos livros infantis indicados para bebês, pois parte-se do pressuposto de que as crianças se encontram em uma fase do desenvolvimento em que as emoções e os sentidos são realçados por elementos interativos e lúdicos. Para análise escolhe-se a obra *Baby Faces* de Kate Merritt, autora e ilustradora inglesa, cujo trabalho compõe uma série literária chamada *Indestructibles*, caracterizada pelo material diferenciado escolhido para a impressão, um papel resistente que permite ao bebê a oportunidade de manejar o livro como um objeto próprio para interação, manipulação, experimentação, como um brinquedo indestrutível. Metodologicamente desenvolve-se uma análise documental que nos permite estudar os meios e características que compõem a obra. Como objetivo busca-se entender a contribuição da materialidade presente na obra como forma de despertar o interesse do leitor e estimular uma participação mais ativa e afetiva na narrativa. Considerou-se que o ato de manipular o livro-objeto permite à criança descobrir suas características, propriedades e novas possibilidades, estabelecendo conexões através de experimentações. Para embasar a reflexão teórica, apoia-se nos estudos de Donald F. McKenzie, Roger Chartier, Cyntia Giroto e Renata de Souza sobre materialidade, literatura e infância, bem como outros autores que tratam da temática. Conclui-se que a possibilidade de manipulação e interação com o livro, bem como torná-lo um objeto da ação leitora, pode colaborar para o desenvolvimento sensorial e cognitivo das crianças, pois permite uma maior familiaridade com leitura, promovendo uma experiência lúdica e prazerosa que aproxima a realidade da criança de seu imaginário, dessa forma estabelece relações de sentido.

Palavras-chave: Linguagem não-verbal. Materialidade. Contação de histórias.

ABSTRACT:

The current research aims to analyze the importance of the materiality of children's books, as it is known that children are in a phase of development in which the emotions and the senses are highlighted by interactive elements and playful activities. For the analysis, it is chosen the book *Baby Faces* by the author and illustrator Kate Merritt, whose work is a part of a literary collection called *Indestructibles*, characterized by the distinguished material selected for the impression, a resistant kind of paper that offers to the baby the opportunity to handle the book as an object for interaction, manipulation, experimentation, as an indestructible toy. Methodologically it is developed a documental analysis that allows us to study the means and characteristics that build the work. The goal is to understand the contribution of materiality found in the object of analysis as a way to encourage reader's interest and to stimulate a

more active and affective participation throughout the narrative. It was considered that the act of manipulating the book allows children to discover its characteristics, properties and new possibilities, establishing connections through experimentation. To support the discussion and reflection, this text relies on studies by Donald F. Mckenzie, Roger Chartier, Cyntia Giroto and Renata de Souza on materiality, literature and childhood, as well as authors whom write about the theme. It is concluded that the possibility of manipulation and interaction with the book, as well as making it an object of the reading action, can contribute to the sensory and cognitive development of children, as it allows a greater familiarity with the practice of reading, promoting a playful and pleasurable experience which brings children's reality closer to their imagination, thus establishing relations of meaning.

Keywords: Non-verbal language. Materiality. Storytelling.

Introdução

Observando a relevância da materialidade nos livros infantis indicados para crianças pequenas, a presente pesquisa tem como finalidade a análise da importância do aspecto físico da obra no processo de interação leitor e objeto-livro, pois parte-se do pressuposto de que as crianças se encontram em uma etapa do desenvolvimento em que as emoções e os sentidos estão à flor da pele, como afirma a autora Graça Ramos (2013, p. 41).

Fundamentado em Alberto Manguel (2009, p. 21-29), considera-se a imagem uma obra de arte, um artifício para comunicar ideias e expressar sensações, nesse sentido, entende-se que as imagens, assim como as histórias, nos informam. Nessa perspectiva, observa-se o processo de criação das imagens presentes na obra *Baby Faces* criada e ilustrada por de Kate Merritt, além sua origem criativa do campo material e imaterial, bem como o resultado materializado em forma de imagem impressa.

Percebe-se que os métodos escolhidos para a criação das ilustrações, através de uso colagens, recortes, papeis e texturas, foram parte fundamental para a composição da arte ilustrativa. Considera-se também o papel da tecnologia da impressão e sua relevância no processo de edição e produção da obra impressa.

Nota-se que *Baby Faces*, caracteriza-se pelo material diferenciado escolhido para impressão, um papel resistente que permite ao bebê a oportunidade de manusear o livro como um brinquedo apropriado para manipulação e experimentação. Dessa maneira observa-se que a preferência por um componente seguro e resistente, amplia as possibilidades de interação com a obra fazendo dela um objeto divertido para o leitor.

Verifica-se que a materialidade presente no livro contribui de forma a provocar o interesse do leitor e estimular uma participação mais ativa e afetiva na narrativa. Sendo assim, considera-se que o ato de manipular o objeto livro permite à criança estabelecer conexões por meio da experiência.

Para embasar a presente investigação, apoia-se nos estudos de Donald F. Mckenzie, Roger Chartier, Cyntia Giroto e Renata de Souza sobre materialidade, literatura e infância, bem como outros autores que tratam da temática.

Dessa maneira, para uma melhor reflexão, divide-se este trabalho em partes, em que primeiramente apresenta-se a arte ilustrativa, em seguida aborda-se a materialidade da imagem e a materialidade da obra impressa, para, finalmente, pensar na materialidade do livro para o pequeno leitor.

A obra e arte ilustrativa

Baby Faces foi publicado pela primeira vez em março de 2012 pela Workman Publishing em Nova Iorque, Estados Unidos. Essa é uma das treze outras obras que compõem uma série chamada *Indestructibles*, caracterizada pelo tipo de material usado para impressão, um papel resistente, próprio para ser manipulado por crianças pequenas. A autora e ilustradora Kate Merritt é criadora de dez livros publicados e seis deles compõem a coleção indestrutível.

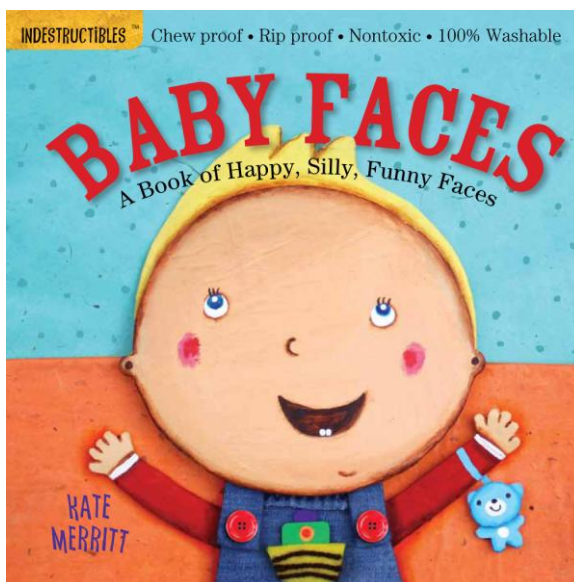


Imagem 1 - Capa original da obra Baby Faces

A ilustração da capa do livro foi criada por Merritt através da técnica de colagem com papéis e outros materiais. Observa-se que a obra contém dez páginas e cada uma delas possui a ilustração do rosto de um bebê diferente, criados artesanalmente através do mesmo método. Além disso, a obra em análise não é uma tradução, é uma versão original dos Estados Unidos, portando o título, conteúdo e informações complementares presentes na contracapa apresentam-se na língua inglesa.

A arte de Merritt inclui criações com recortes de papéis, jornais, cartolina, além do uso de cola, tesoura, glitter, lápis, brilhos e texturas. Hoje seu trabalho já inclui técnicas digitais, e nesse sentido Ramos (2013, p. 134) explica que a ilustração adapta-se aos novos meios pois a linguagem tecnológica encontra-se em constante desenvolvimento.

Merritt compõe sua obra a partir de imagens de crianças pequenas, ilustradas da cintura para cima, com a característica da proporção da cabeça grande. Como em desenhos feitos por elas mesmas na infância. Fundamentado em Peter Hunt (2010, p. 236), a escolha do ilustrador por representações visuais com essa característica de proporção corporal, acontece por acreditar que as crianças se sintam dessa forma, com relação ao tamanho das partes de seus corpos.

Sendo assim, verifica-se que as ilustrações podem refletir a postura e a individualidade de cada artista. A partir de imagens o ilustrador pode demonstrar ideologias, manifestar suas próprias visões sobre determinadas questões e inclusive revelar-se através de um estilo pessoal, esclarecem Maria Nikolajeva e Carole Scott. (2011, p. 61)

Acredita-se que a escolha de Merritt por ilustrações diferenciadas, com cenários, detalhes e cores despertam o deslumbramento das crianças pelas imagens e resultam na possibilidade de um maior envolvimento com a obra. Walter Benjamin descreve o processo de envolvimento da criança pela literatura: “porém não são as coisas que saltam das páginas

em direção às crianças, é a própria criança que penetra no esplendor colorido do mundo pictórico”. Dessa maneira, o autor enfatiza o potencial e o efeito encantador das cores das imagens ilustrativas aos olhos das crianças: “neste mundo permeável adornado de cores [...] a criança é recebida como participante”. (BENJAMIN, 2009, p. 70)

O encantamento das ilustrações convida o leitor a olhar, a examinar e a refletir sobre o que está sendo visto. Segundo Ramos (2013, p. 110), o ato de observar paisagens possibilita e encoraja a prática de narrar histórias. Exercer essa prática de analisar e examinar com liberdade permite ao leitor, independente de sua idade, resgatar memórias e associá-las ao que está sendo visto, e assim incorpora-se à prática da oralidade, à capacidade de relatar, ao modo próprio da criança, o que está sendo visto. Ramos acrescenta que “cada um construirá a história com base em seus conteúdos emocionais e repertório intelectual”. Nessa perspectiva a autora explica que a visão e a descrição de cenários podem ser “[...] maneiras de selecionar o que impressiona e descartar o que não produz sentido. Enrolar as palavras, mas dar conta de expressar o visto, o vivido e o imaginado ajuda a elaborar um discurso sobre o real, a criar um jeito de falar e pensar próprio de cada um quando se é criança”. (RAMOS, 2013, p. 48)

O ato de olhar e observar as cores e cenários nas imagens funcionam como estímulo à prática da oralidade. As páginas coloridas com ilustrações literárias quando apresentadas aos olhos da criança, a encoraja a procurar e a pronunciar palavras, ou seja, fundamentado em Benjamin (2009, p. 70), tem-se: “A exortação taxativa à descrição contida em tais imagens, desperta a palavra na criança”, dessa forma, contribuindo com a possibilidade de ampliação de seu vocabulário. Verifica-se que as ilustrações aproximam e conectam a criança ao objeto livro, além de colaborar com a evolução sensorial do jovem leitor, como nota-se na fala de do autor: “A criança penetra nessas imagens com palavras criativas”. (BENJAMIN, 2009, p. 70)

A autora Lucia Santaella (2012, p. 13) explica que, ao observar as imagens a criança alfabetiza-se visualmente, ela aprende a examinar, analisar, desenvolve a sensibilidade do olhar. A criança se vê como parte integrante do livro pois encanta-se pelas ilustrações e identifica-se com o que é mostrado. Tal proposição corrobora com as palavras de Manguel (2009, p. 90), ao explicar que aquilo que é lido em uma imagem varia de acordo com quem somos, conforme o que já aprendemos.

Na obra *Baby Faces*, Merritt esforça-se para encantar o bebê leitor com o uso de imagens coloridas e com atenção à simetria na criação de sua arte. Ramos (2013, p. 23) explica que o potencial de uma imagem vem do sentimento despertado de imediato ao olhar uma imagem, segundo a autora, um efeito de estranhamento ou reconhecimento que elas geram em quem as usufrui. Observa-se que cada página de sua obra possui uma ilustração de uma única criança, posicionada de forma centralizada, exibindo uma ação, reação ou sentimento. A escolha pelas cores são propriedades muito importantes nos livros para esta faixa etária pois atuam eficientemente na captura da atenção dos olhos do pequeno leitor, explicam Cyntia Giroto e Renata de Souza (2016, p. 62). A característica de simetria usada para exibir imagens, quando homogênea e de estrutura balanceada, favorecem sua leitura, sendo mais facilmente assimiladas pelo olhar, aponta Santaella (2012, p. 169).

Baby Faces caracteriza-se por ser uma obra com ausência de uma narrativa, sendo assim ela se destaca pela oportunidade que oferece ao leitor de observar as imagens e se deixar guiar por elas. Sabe-se que tanto um texto quanto uma imagem são capazes de transmitir conteúdos e comunicar ideias. Para Manguel (2009, p. 21), “as imagens, assim como as histórias, nos informam”.

Sendo assim, percebe-se que a obra não oferece textos, as imagens narram uma série de ações e emoções, e um único termo escrito acompanha cada imagem, uma palavra do vocabulário em inglês representativa de uma onomatopeia diretamente relacionada à ação que cada imagem ilustra. Segundo Santaella (2012, p. 107-109), “as imagens são recebidas mais

rapidamente do que os textos, pois possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro”. Nesse sentido, a autora acrescenta que as imagens são cada vez mais usadas como fonte de transmissão de conhecimentos, desempenhando um papel fundamental no campo das ciências da observação.

A materialidade da imagem

Toda imagem surge a partir da imaginação do indivíduo que a materializou, originada da mente, da criatividade, explica a professora Silvia Laurentiz (2004, p. 2). Com base nos estudos de Santaella, Laurentiz menciona que o que é imaginado ganha então uma representação visual, torna-se um objeto visível e palpável, ganha uma forma física, uma dimensão. Dessa forma materializa-se a imagem, que após ser criada será lida e interpretada pelos leitores, que a partir daí terão essa representação visual capturada e armazenada em suas próprias mentes, como um processo cíclico que acontece entre leitor e criador.

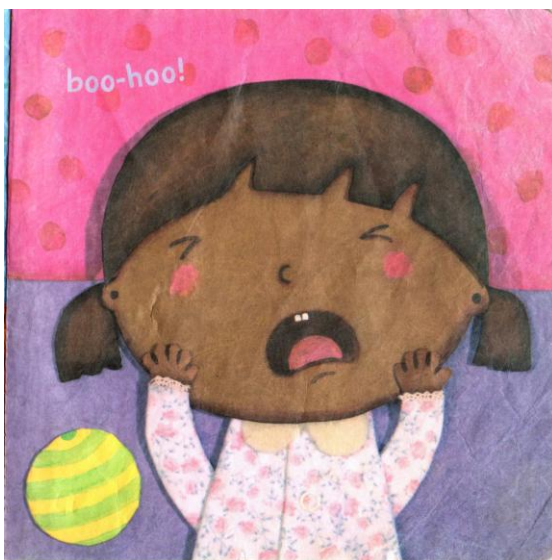


Imagem 2 – Segunda página do livro

A obra divide-se em dez páginas ilustradas de forma não sequencial, onde percebe-se que a autora e ilustradora investe muita criatividade quando varia personagens, cores e expressões entre uma página e outra, o que torna sua obra possivelmente dinâmica e divertida. Merritt ilustra objetos comuns do cotidiano das crianças, como utensílios, brinquedos, entre outros artefatos, além de demonstrações de emoções como a tristeza no choro, o humor com a imagem de uma careta e o afeto com a representação de um ato de carinho. Tais imagens podem auxiliar o pequeno leitor a se identificar com a obra, juntamente com a palavra que acompanha a imagem, e que pode ser lida por um adulto complementando a cena ilustrada. Segundo Peter Hunt (2010, p. 237), as crianças pequenas têm a capacidade de distinguir elementos ilustrados, ou seja, “independentemente da posição de um objeto no espaço, as crianças tendem a reconhecê-los ao ponto de facilmente conseguir nomeá-los”.

Nesse sentido, o ilustrador Maurício Veneza, na obra de Ieda de Oliveira (2008, p. 185), descreve que antes de iniciar-se a criação de uma arte ilustrativa, é fundamental que o artista tenha conhecimento sobre a idade do futuro leitor de uma determinada imagem, é necessário saber quais informações e saberes aquela criança já possui. Para Manguel (2009, p. 27), o leitor só pode ver o que é reconhecível para ele, identificável para sua própria mente.

Merritt considerou manter a familiaridade com as crianças pequenas, através de colagens criou representações visuais de rostos de crianças expressando emoções diversas, ou seja, imagens de outras crianças da mesma idade que o próprio leitor, de etnias e gêneros variados, demonstrando emoções, ações e reações reconhecíveis aos olhos do bebê. Para Girotto e Souza, o ato de ler adquire significado quando a criança associa as informações visuais presentes na história ao mundo que ela já conhece e à experiências que ela vivenciou previamente. Nesta perspectiva as autoras confirmam que o “[...] pequeno leitor imagina situações, ações e falas, baseado em suas experiências, no que já se viu, ouviu, sentiu, percebeu e no que constitui a sua história e sua vivência. O pequeno leitor imagina com base naquilo que já aprendeu e naquilo que apropriou na cultura humana”. (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 94)

Sendo assim, entende-se que os objetos representados visualmente são imagens de domínio material, ou seja, são as representações visíveis que se materializam através de desenhos, pinturas, fotografias, colagens, entre outras formas. Portanto, compreende-se que as imagens “são objetos materiais, signos que representam o nosso ambiente visual”. (LAURENTIZ, 2004, p.2)

As imagens também são representações visuais de domínio imaterial, que se apresentam como visões ou fantasias mentais, ou seja, são as imagens originadas e visualizadas ainda na imaginação. Para Laurentiz (2004, p.2), tanto as imagens do campo material quanto as imagens do campo imaterial não existem separadamente, elas coexistem, uma origina a outra. Sendo assim, as imagens do domínio material são constituídas com base nas representações mentais, e as imagens mentais tem sua origem no mundo visualmente concreto, o que se confirma nas palavras da professora:

Ambs os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais. (LAURENTIZ, 2004, p.2)

Entende-se que o próprio ato de pensar demanda a visualização de imagens, o processo de pensamento solicita uma imagem mental, a imaginação. Portanto, somos todos reflexos das imagens que nos cercam, representações que materializamos com nossas mãos criativas ou imagens que produzimos em nossas mentes, “qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”. (MANGUEL, 2009, p. 20-21)

A materialidade da obra impressa

A materialidade apresenta-se nesta obra de duas maneiras, primeiramente através da arte ilustrativa, como imagem produzida artesanalmente, materializada manualmente pela artista e ilustradora. Verifica-se que Merritt cria as imagens, com base em suas representações mentais tendo como referência objetos, pessoas e cenários do mundo visual que a cerca e compõe sua memória. De forma lúdica e criativa, ela usa recortes de papel, dando origem a figuras palpáveis, coloridas, reconhecíveis aos olhos do leitor, com texturas e sem uma sequência exata.

A característica material manifesta-se também a partir do processo de digitalização e impressão das imagens, estruturando-as como um livro, uma obra impressa. Ou seja, a segunda forma de materialidade presente na obra em análise, apresenta-se através da

tecnologia da impressão que com seus procedimentos e etapas, produz o livro, um objeto palpável de estrutura definida.

O processo de transformação das figuras ilustrativas em uma obra impressa, acontece por meio da produção editorial, procedimento que organiza as representações visuais em páginas sequenciais, impressas em material próprio para manuseio do leitor bebê. Nesse sentido entende-se que Merritt criou as imagens, porém quem as transformou no objeto livro foram os editores da empresa Workman Publishing. Com base em Roger Chartier, a autora Ilsa Goulart explica a atuação da equipe editorial neste processo:

Chartier (1994; 1999) chama a atenção para a distinção entre texto e impresso, entre o trabalho de produção e criação textual, o trabalho de fabricação da obra, entendendo que os autores não escrevem livros, escrevem textos que são transformados em livros, artefatos pensados e arquitetados por uma equipe editorial. (GOULART, 2016, p. 71)

A arte que, primeiramente, pertencia somente a autora e ilustradora Kate Merritt, após a atuação e criação editorial, passa a pertencer à novas autoridades. A educadora Magda Soares (2002, p. 154) relata que a tecnologia da impressão usada na produção de obras literárias na atualidade, traz novos personagens para a indústria do livro e especificamente para a obra em análise.

Sendo assim, observa-se que a criação do livro, editado e impresso, revela aos leitores e admiradores da arte de Merritt um novo material, um objeto concreto, em que seu possuidor pode identificar uma sequência fixa com início, meio e fim. Sendo assim, verifica-se que os desenhos da ilustradora tornam-se uma obra impressa, com uma dimensão, uma linearidade, uma totalidade, seus desenhos materializam-se em algo estável, por isto monumental. (SOARES, 2002, p. 152-154)

Para Chartier, sendo o livro um objeto que carrega informação, este oferece suporte à mensagem transmitida pelo texto visual, a imagem. A obra impressa representa um signo cultural que também expõe a ambição do homem em fixar o que a sociedade escreve e lê. (GOFF e NORA, 1976, p. 99). O livro guarda, registra, materializa palavras, ideias e imagens de uma cultura e de uma determinada época. Donald F. McKenzie (1999, p.29), acrescenta que o livro é um registro de mudança cultural.

Nota-se que o livro reflete uma cultura, nesse sentido ele se adapta às características e necessidades do mercado vigente, como vê-se no exterior da obra de *Baby Faces*, que apresenta no seu verso, pequenas réplicas das capas dos demais livros que compõem toda a coleção nomeada *indestructibles*. O autor Alan Powers (2003, p. 135) explica que essa é uma tendência atual, que se emerge devido ao uso de compras de livros via internet¹. Essa prática traz aos leitores, adultos e crianças uma amostra física do que se encontra disponível no mercado, de forma objetiva e acessível aos olhos e às mãos do leitor.

A materialidade para o pequeno leitor

Baby Faces diferencia-se na característica da materialidade por ser uma obra impressa em um material descrito como indestrutível, um tipo de papel resistente ao ato de levar objetos à boca, prática comum aos pequenos leitores. Segundo Giroto e Souza, a criança aprende através de suas explorações sensoriais, e a liberdade de manusear um livro favorece este aprendizado. (2016, p. 60-61)

Verifica-se que a propriedade de manuseio presente na obra de Merritt é de grande importância para o leitor, pois sabe-se que as crianças e os bebês se encontram em uma fase

¹ Tradução nossa.

do desenvolvimento em que as emoções e os sentidos são realçados por elementos que possibilitam a interação e o prazer. (RAMOS, 2013, p. 41)

Nesse sentido, observa-se que todas as páginas, inclusive a capa e contracapa da obra, são impressas no mesmo material, com a mesma textura e espessura. Considera-se o papel escolhido para a impressão realmente seguro para o jovem leitor pois é resistente, lavável e próprio para que os bebês conheçam e explorem à sua maneira o objeto livro.

Sabe-se que os livros que priorizam as necessidades sensoriais das crianças pequenas são considerados brinquedos lúdicos. A escolha pelo material resistente, leve e de fácil manipulação, encoraja o leitor a vivenciar momentos prazerosos e seguros durante o processo de familiarização com o objeto livro. (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 62-63)

Além disso, as imagens impressas em papel próprio para o manuseio é promotora da proximidade entre a obra e leitor. Do mesmo modo em que a presença de cores vibrantes nas imagens podem ressaltar o interesse pelo livro para bebês (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 62), a materialidade também favorece essa aproximação. Observa-se que este diferencial é anunciado na capa da obra, pois especifica-se que o livro é a prova de mordidas, a prova de rasgaduras, atóxico e 100% lavável, características de grande relevância para o público alvo.

Do mesmo modo, também na contracapa da obra, encontra-se informações que apresentam de forma convidativa e amigável o seu conteúdo com ênfase na característica material. Na língua inglesa o livro anuncia: “Livros que os bebês podem realmente afundar suas gengivas!”², além disso em uma breve introdução ao conteúdo da obra, encontra-se uma mensagem direcionada aos pais dos pequenos leitores, que esclarece que a série de livros *indestructibles* foi criada para que os bebês lessem ao seu modo, com as mãos e boca, pois é um livro lavável e resistente à rasgaduras.

A característica de manuseio, de exploração e experimentação são próprias das crianças pequenas, assim Giroto e Souza (2016, 60) explicam que o desenvolvimento intelectual da criança inicia-se com a formação e o desenvolvimento da percepção tátil, visual e linguística que surge no primeiro ano de vida”. A autora Anitra Vickery (2016, p. 23), ressalta a importância da experiência no desenvolvimento do ser humano, em que a “[...] criança aprende ao fazer suas próprias conexões físicas com o mundo, por meio de explorações sensoriais, esforço pessoal, experiências sociais e busca ativa de significado a partir de experiências”. (VICKERY, 2016, p. 23)

Enfim, considera-se que o ato de manejar e manipular livremente o objeto livro, permite ao leitor, bebê ou criança, estabelecer conexões e através de experimentações prazerosas e seguras, descobrir novas características e novas possibilidades, o que favorece o seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 62)

Considerações finais

Nota-se que a representação visual criada a partir da técnica de colagem e com o uso de cores vivas e variadas, resultaram em imagens diferenciadas com potencial surpreendente aos olhos do pequeno leitor. De acordo com Ramos (2013, p. 16), as ilustrações significam uma simbolização do real, uma representação que substitui o mundo visível. Sendo assim, as imagens nos livros infantis ocupam um lugar de destaque na atenção das crianças.

Observa-se que a obra permite a produção de sentidos pois a oportunidade de manipulação do objeto aproxima e permite que o leitor conheça o livro através de explorações sensoriais, “marcada por situações igualmente lúdicas e prazerosas”, como afirmam Giroto e Souza (2016, p. 61).

² Tradução nossa.

Portanto, ao folhear o livro indestrutível, a criança ou o bebê recebe a oportunidade de explorá-lo, de produzir seus próprios significados, de fazer a sua leitura particular da história. Dessa forma, o processo de interação que acontece entre a criança e o livro, por meio do toque, do contato físico, do manuseio, do ato de virar as páginas e do ato de observar as gravuras, permite com que a criança estabeleça relações com a narrativa. Os autores Renata de Souza e Helder Pinheiro (2015, p. 21) explicam que a partir dessa proximidade física a criança observa e ela faz inferências.

Conclui-se que a possibilidade de manipulação e interação com o livro, bem como tornar o livro um objeto concreto para a ação leitora, pode colaborar para o desenvolvimento sensorial e cognitivo das crianças, pois influenciam seu relacionamento com as imagens ao seu redor e com o objeto livro, tornando este uma ferramenta vinculada ao prazer e ao brincar. Portanto a materialidade presente na obra permite uma maior familiaridade com leitura, promovendo uma experiência lúdica que aproxima a realidade da criança de seu imaginário, dessa forma estabelece relações de sentido.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009. (Coleção Espírito Crítico). Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. *Literatura e Educação Infantil: Livros Imagens e Práticas de Leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre (Org.). *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. A compreensão e conceituação de livro num jogo de representações. *Leitura.: Teoria e Prática*, Campinas, v. 34, n. 67, p.69-82, 2016. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/512/333>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

LAURENTIZ, Silvia. Imagem e (I)materialidade. In: *XIII Encontro anual da COMPÓS 13.*, 2004, São Paulo. Anais. São Paulo: Eca, 2004. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/cap/slaurentz/text/Imagem_Imaterialidade.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

MERRITT, Kate. *Baby Faces*. New York: Workman Publishing, 2012.

MCKENZIE, Donald. The book as a expressive form. In: MCKENZIE, Donald. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge University Press, 1999.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: Palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Tradução de: Cid Knipel.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: Dcl, 2008.

POWERS, Alan. *Children's Book Covers: Great book jacket and cover design*. Great Britain: Mitchell Beazley, 2003.

RAMOS, Graça. *As imagens nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; PINHEIRO, Hélder (Org.). *Literatura infantil e formação de leitores: Estratégias de Leitura*. Campina Grande: Edufcg, 2015.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, Dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>>. Acesso em: 10/08/2017.

VICKERY, Anitra. *Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental*. Porto Alegre: Penso, 2016.